Revista Engenharia de Interesse Social
http://revista.uemg.br/index.php/reis/index
ISSN: 2525-6041

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS | UEMG
UNIDADE JOÃO MONLEVADE

O anteprojeto da Vila Operária de João Monlevade – MG e as ideias do arquiteto Lúcio Costa

Romário Nunes Silva[1]
Rafael Otávio Fares Ferreira[2]

RESUMO

O objetivo desse artigo consiste na exposição, a partir de levantamento bibliográfico, acerca do anteprojeto arquitetônico de autoria de Lúcio Costa, submetido ao concurso realizado pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira (atual ArcelorMittal) no ano de 1934, com a finalidade de se construir a Vila Operária de João Monlevade – MG, realizando assim um resgate histórico das primeiras propostas do arquiteto, que, anos mais tarde, se tornaria um dos mais importantes nomes do modernismo brasileiro.

Palavras-chave: João Monlevade. Lúcio Costa. Arquitetura. Vila Operária. Modernismo.

[1]Graduando em Engenharia Civil pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade João Monlevade, MG, Brasil. E-mail: nunesromario7@gmail.com.
[2]Graduado, Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É poeta e também professor e pesquisador da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade João Monlevade, MG, Brasil. E-mail: rafael.ferreira@uemg.br.

The preliminary project of Vila Operária by João Monlevade – MG and the ideas of architect Lúcio Costa

ABSTRACT

The objective of this article is to carry out a bibliographical survey on the architectural project submitted to the competition promoted by Companhia Siderúrgica Belgo Mineira (currently ArcelorMittal) in 1934, with the objective of building the Vila Operária de João Monlevade – MG and, thus, carrying out a historical rescue from the first proposals of architect Lúcio Costa, who, years later, would become the most important Brazilian modernist architect.

Keywords: *João Monlevade. Lúcio Costa. Architecture. Workers' Village. Modernism.*

Artigo recebido em: 03/12/2021

Aceito em: 21/12/2021

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está incluída no esforço que tem sido empregado pelo grupo de pesquisa da Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade João Monlevade, denominado História e Memória. O objetivo do grupo é pesquisar, coletar, registrar, organizar e analisar fontes e dados, aspectos históricos da cidade, já que, apesar de João Monlevade ser um polo universitário, nota-se uma escassez de material científico-acadêmico com este viés. O intuito é que estas ações levem os estudantes das instituições de pesquisa, e consequentemente os cidadãos, a possuírem um acervo cada vez mais rico, diverso e disponibilizado publicamente, para que assim a universidade contribua para a valorização e preservação do patrimônio material e imaterial não só da cidade, mas de toda a região do Médio Piracicaba.

A metodologia desta pesquisa foi ler como fonte principal o anteprojeto manuscrito pelo próprio arquiteto Lúcio Costa disponível em seu acervo digital criado pelo Instituto Tom Jobim. Além desta fonte, foram feitas pesquisas bibliográficas sobre o modernismo brasileiro, as ideias e outros projetos do arquiteto, e sobre a história da realização da Vila Operária de João Monlevade.

2. A ORIGEM DA CIDADE JOÃO MONLEVADE E SEU ENVOLVIMENTO HISTÓRICO COM A SIDERURGIA

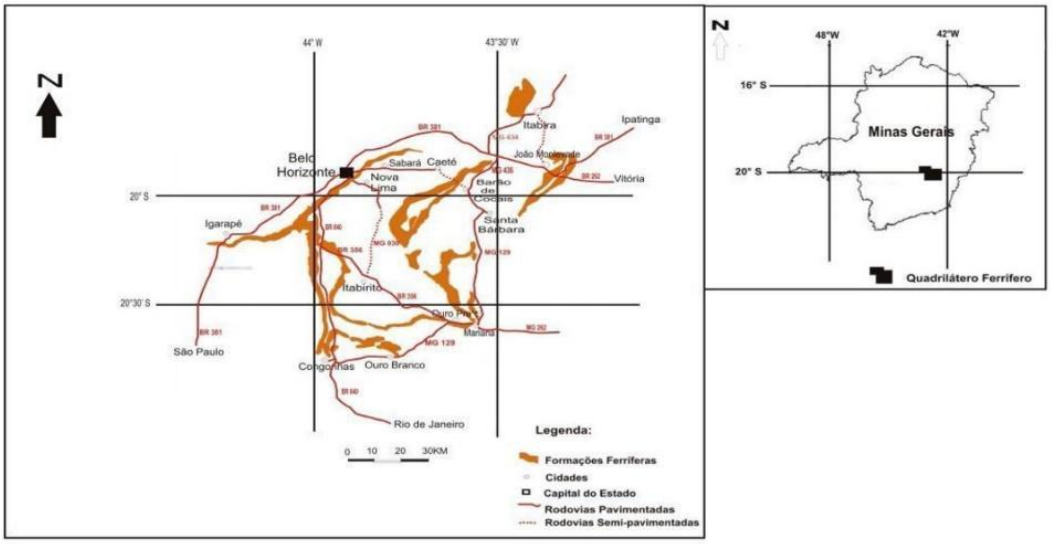
Antes de começarmos nosso estudo pelas ideias de Lúcio Costa, é preciso pontuar as características do nosso espaço, entendendo os eventos que se sucederam antes da possibilidade da Belgo-Mineira se instalar na região.

A atual cidade de João Monlevade está situada no Quadrilátero Ferrífero, o qual está localizado na porção central do estado de Minas Gerais, entre as coordenadas 19º45‟a 20º30‟S e 44º30‟a 43º07‟W, totalizando uma área aproximada de 7.200 km². (SILVA, 2007, p. 42)

De acordo com Alkmin & Marshall, (apud SILVA, 2007), o Quadrilátero Ferrífero pode ser considerado uma das mais importantes províncias minerais do país, sendo

formada por quatro grandes estruturas litoestratigráficas: Embasamento Cristalino, Supergrupo Rio das Velhas, Supergrupo Minas e o Grupo Itacolomi.

Figura 1: Mapa de localização e das principais vias de acesso ao Quadrilátero Ferrífero, MG



Fonte: SILVA, 2007.

O atual município teve dois grandes pioneiros, sendo eles: o engenheiro Jean-Antoine Félix Dissandes de Monlevade (1791-1872) e o engenheiro Louis Jacques Ensch (1895-1953). O primeiro deles chegou à região no mês de agosto de 1817 e, após isso, realizou um estudo mineralógico e geológico no solo, o qual resultou na descoberta de locais onde poderiam ser construídas forjas para a produção de ferro.

O segundo deles, o engenheiro Louis Jacques Ensch, chegou à região por volta de 1934. Coube a ele a responsabilidade de executar o projeto vencedor do concurso realizado para a implementação da Vila Operária de Monlevade. Ensch também chegou a atuar na administração da nova Usina da Belgo-Mineira, sendo lembrando até os dias atuais pelos moradores em função de que teria realizado boa gestão da empresa.

3. PERÍODO POLÍTICO E ECONÔMICO VIVIDOS NA REGIÃO ANTES DA VINDA DA BELGO-MINEIRA

Como foi evidenciado, as riquezas minerais da região são um fato marcante em todo o processo de formação da cidade; riquezas estas que foram responsáveis para a vinda da siderúrgica. Nos anos 30, o país vivia a era do Estado Novo de Getúlio Vargas (LIMA, 2003), período este marcado historicamente pela adoção de uma política de industrialização, movimentada pela intervenção econômica do governo, que incentivava assim a criação de novos postos de trabalho.

Tratava-se, portanto, de uma boa oportunidade de expansão da companhia, pois a Belgo-Mineira atuava, até então, apenas na usina situada em Sabará – MG. Todavia, João Monlevade ainda não possuía a infraestrutura necessária, como estradas adequadas, linhas de ferro e outros meios de transportes (LIMA, 2003).

4. O CONCURSO

Na intenção de se expandir, a então companhia siderúrgica Belgo-Mineira, no ano de 1926, decide criar outra usina. O novo local escolhido foi as terras de Rio Piracicaba – MG, todavia, para isso, era preciso criar toda a infraestrutura necessária para abrigar suficientemente os trabalhadores que passariam a residir na nova Cidade Operária.

Assim foi promovido um concurso para a elaboração do projeto da vila, que ficou conhecida como “Vila Operária de Monlevade”. Na verdade, desde os anos 1880, estes núcleos vinham se desenvolvendo no Brasil, mas na maioria dos casos sem a existência de um plano prévio (CORREIRA, 2003). A partir da década de 30, essas construções começam a ser desenvolvidas por meio de projetos.

Nesse sentido, a criação da vila de João Monlevade não está descontextualizada de outros importantes projetos:

> Um marco importante desse novo momento foi Monlevade, criado pela siderúrgica Belgo-Mineira, em 1937, no estado de Minas Gerais. Nas décadas seguintes sucederam-se outros exemplos importantes, entre os quais Harmonia e Lagoa, criados pela Klabin, no Paraná, Volta Redonda criada pela CSN, no estado do Rio de Janeiro e Timóteo, criado pela Acesita, em Minas Gerais. (CORREIA, 2003, p. 81)

Segundo Lima (2003), o concurso para a nova cidade operária teve as suas regras definidas por meio de um edital bastante minucioso, conforme constatamos nas referências

feitas pelos concorrentes aqui estudados. Pelo que foi levantado pela presente pesquisa, o edital não foi divulgado pela imprensa, tendo sido, provavelmente, encaminhado por meio de carta-convite, conforme afirma a pesquisadora:

> O que atesta a realização do concurso são os memoriais publicados por estes técnicos. Não podemos afirmar que esta concorrência foi feita por meio de um edital público, tendo em vista que não localizamos o mesmo em periódicos, muito menos nos acervos documentais da companhia. O mais provável é que o concurso tenha sido instituído através de uma carta-convite. Daí o interesse em selecionar técnicos de renome para a disputa, visando assegurar a qualidade das soluções e, também, para que houvesse maior repercussão dos trabalhos nos meios técnicos. (LIMA, 2003, p. 81)

Um dos profissionais participantes e vencedor do concurso, o Engenheiro Lincoln Continentino relata que teve apenas quinze dias para desenvolver o anteprojeto, pela demora no recebimento do edital: "…devido a um atrazo de correspondencia, só dispuzemos de um espaço de 15 dias — de 5 a 20 de março — para a organização de todos os projectos, especificações geraes, orçamentos" (Apud LIMA, 2003, p. 97).

É neste contexto que o arquiteto Lúcio Costa apresenta também sua proposta, a qual pode ser considerada um de seus primeiros projetos:

> Embora o anteprojeto formulado por Lúcio Costa não tenha sido convertido em um plano urbano detalhado, nem executado, trata-se de um documento importante por explicitar a atitude do autor diante da questão da moradia operária, no contexto de um núcleo fabril. (CORREIA, 2003, p. 81)

5. LÚCIO COSTA E SEU DESPERTAR PARA A ARQUITETURA MODERNA

Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa, mais conhecido como Lúcio Costa, nasceu em Touln, França, no dia 27 de fevereiro de 1902. Era filho do almirante Joaquim Ribeiro da Costa e de Alina Ferreira da Costa. Estudou no *Royal Grammar School*, em Newcastle, na Inglaterra e no *Collège National*, em Montreal, na Suíça.

No ano de 1917, voltou ao Brasil e ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, concluindo o curso de arquitetura e pintura em 1924. Chegou a criar, entre os anos de 1922 e 1929, um escritório de arquitetura em sociedade com Fernando

Valentim, realizando projetos conformes com os estilos Neoclássico e Neocolonial (WISNIK, 2001).

Diante deste quadro, ficava evidenciada a relação de Lúcio Costa com a Arquitetura Neoclássica e Neocolonial, alguns anos antes de se tornar um precursor da Arquitetura Moderna Brasileira. Na década de 20, Costa, junto com Fernando Valentin, projetou e construiu um grande número de residências dentro do estilo Neocolonial, de que se pode citar como exemplos a residência de Raul Pedrosa, em 1925, no Rio de Janeiro (WISNIK, 2001).

Nessa mesma década, ocorreu a semana de Arte Moderna, um esforço de atualização da linguagem artística brasileira (CAMPOS, 1990). A Semana de Arte Moderna pode ter consolidado em Costa a busca pelo novo, pela inovação, o rompimento com o acadêmico e a descoberta de uma identidade nacional na arquitetura, mesmo que sua atuação esteja marcada por "contradição e ambiguidade" (WISNIK, 2001, pág.8).

Na verdade, um dos seus despertares parece ter ocorrido, mais especificamente, dois anos depois da Semana, quando ele viajou à Diamantina – MG, ainda como estudante. A viagem, que fora financiada por José Mariano Filho, deve tê-lo colocado em contato com a simplicidade da arquitetura civil do período colonial, inspirando-lhe uma reelaboração de sua percepção estética e cultural:

> Em 1924, durante uma viagem a Diamantina (MG), Lúcio Costa observou a pureza e a simplicidade da arquitetura do período colonial, bem diferente dos projetos que fazia. Cinco anos depois dessa viagem, mudou radicalmente o rumo de sua atuação profissional, rompendo com o movimento neocolonial e procurando a linguagem plástica correspondente à tecnologia construtiva do seu tempo. (SENADO FEDERAL, 2010)

Mais um motivo que pode ter colaborado para o seu despertar da Arquitetura Moderna parece ter sido a forte influência dos textos escritos pelo autor paulista Mário de Andrade. Especificamente, essa influência teria se dado em dois períodos distintos:

> Num primeiro texto escrito no início da década de 1920, sobre a arte religiosa, Mário de Andrade manifesta sua posição de defesa de um estilo arquitetônico mais próximo às tradições culturais brasileiras, cujo teor o aproxima das idéias desenvolvidas por Ricardo Severo, alguns anos antes. Ao longo desse texto Mário de Andrade vai explicitando seu pensamento, revelando certa originalidade na forma de caracterização da tradição colonial na medida em que apresenta elementos que identifiquem uma arte brasileira de influência portuguesa. Na sua idéia distingue as manifestações que considera como simples transposição do modelo português — as construções do litoral — daquelas que

> passaram por um processo de adaptação de tais modelos — ou seja, a arquitetura simples do interior — portanto mais aptos a representar uma tradição brasileira. Essa idéia se contrapunha aos princípios da arquitetura neocolonial que se respaldava na pesquisa formal de elementos ricos em detalhes ornamentais. (SANTOS, 2006, p. 41)

O segundo ocorreu no final da década de 1920, em uma sequência de quatro textos, revelando neles, críticas à arquitetura neocolonial:

> O resultado é que tanto nesta série de quatro textos publicados entre 23 e 26 de agosto de 1928 sob o título "Arquitetura Colonial", quanto no artigo "Arquitetura Moderna" publicado em três partes entre 2 e 4 de fevereiro do mesmo ano, a ostensiva hesitação do crítico de arte empregado no Diário Nacional, não esconde sua grande ambição intelectual: compreender o lugar da arte moderna — e da nova arquitetura especialmente — na atualidade brasileira. (LIRA, 1999, p. 2)

Também não se pode deixar de ressaltar a admiração que Lúcio Costa tinha por um famoso arquiteto modernista da época, Le Corbusier, um dos mais importantes arquitetos do século XX e um dos fundadores do movimento da arquitetura moderna. Cabe ressaltar também a construção da primeira casa modernista, projetada por Gregori Warchavchik em 1927, na rua Santa Cruz em São Paulo, a qual, recebendo críticas da sociedade acadêmica, foi, todavia, elogiada por Lúcio Costa.

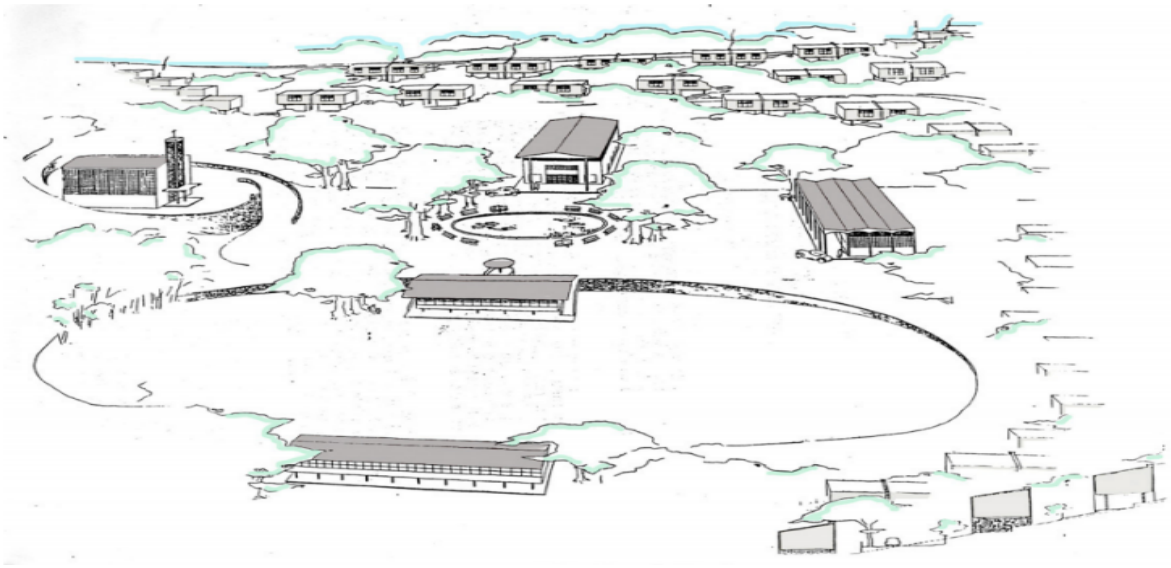
6. AS PRETENSÕES ARQUITETÔNICAS APRESENTADAS POR LÚCIO COSTA

Lúcio Costa começa seu memorial pedindo desculpas pela impossibilidade de visitar o local do projeto, mas afirma que, a despeito disso, já era do seu conhecimento a topografia da região, pois havia feito viagens ao interior de Minas anteriormente (CORREIA, 2003).

De acordo com Correia (2003), Lúcio Costa situa Monlevade próximo de uma cidade mineira chamada Sabará, onde havia outra usina da Companhia Belgo-Mineira e que se localiza a cerca de 150 quilômetros de Monlevade, evidenciando o seu confesso desconhecimento da área para a qual formulou seu anteprojeto, a qual era, na verdade, maior do que o sugerido pelo arquiteto em seu memorial.

Além disso, ressaltou também que não teve disponibilidade para desenvolver um estudo orçamentário da implementação da sua proposta, deixando escapar uma das determinações colocadas no edital.

Figura 2: Perspectiva geral do projeto apresentado por Lúcio Costa



Fonte: LIMA, 2003.

Por sua vez, em relação à topografia do local, Costa teve que fazer uma suposição para a formulação do anteprojeto, apesar de que ele tinha noções mínimas de que se tratava de um terreno acidentado. Dessa forma propôs uma busca por delineamento "elástico", tentando priorizar o mínimo de movimentação de terra.

Por meio destes princípios, Costa ressalta o emprego de um "(...) systema construtivo há cerca de vinte anos preconizado por Le Corbusier e P. Jeanneret, e já hoje por assim dizer incorporado como um dos princípios fundamentaes da architectura moderna — os pilotis: '*on ne se trouvera plus devant ou derrière la Maison, mais sous la Maison*.'" (COSTA, 1930-1939, p. 1).

O estudioso Guilherme Wisnik afirma, em seu livro *Lúcio Costa*, que:

> O projeto da vila operária é contemporâneo do texto manifesto da arquitetura moderna no Brasil de inspiração corbussiana: "Razões da nova arquitetura". Essa correspondência se mostra, por exemplo, na solução da tipologia habitacional, suspensa sobre pilotis e construída em concreto armado. (WISNIK, 2001, p. 50)

Assim, o componente que estruturava e definia a sua composição era o “piloti”. Este elemento se mostrava apropriado para a topografia do local, além de reduzir o custo de fundações e movimentação de terra.

Costa seguiu certos requisitos, resolvendo assim, em parte, o problema da não visita ao local. Seriam eles: reduzir ao mínimo os movimentos de terra, prejudicar o menos possível a beleza natural do lugar e evitar “delineamentos rígidos e pouco malleaveis, procurando, pelo contrário, aquelle delineamento que se apresentasse como mais elástico, tornando assim fácil a sua adaptação conveniente às particularidades topographicas locaes;” (COSTA, 1930-1939, p. 1).

Munido dessas estratégias, Costa tirou proveito de técnicas modernistas. Assinalando suas vantagens, fez menção a uma prática construtiva brasileira que se dá pelo uso do barro armado, a taipa, já bem conhecida no estado de Minas Gerais:

> Economia nos movimentos de terra, economia nas fundações, economia na construcção das paredes tanto externas como divisórias, economia na armação da cobertura, melhor orientação, augmento no valor locativo e, ainda, “de quebra”, a economia de uma porta — a da cosinha — compensam de sobra o pequeno augmento inicial de despesa que representariam (...). (COSTA, 1930-1939, p. 1)

Costa voltou-se à preservação da arborização existente no local, pontuando indicações necessárias para um controle maior por parte da empresa, que assumiria responsabilidade por sua manutenção:

> Deveria tambem prohibir terminantemente a póda das arvores ou arbustos em fórmas bizarras ou geométricas, pois constitue um dos preceitos da arborisação moderna o contraste entre a nitidez, a symetria, a disciplina da architectura e a imprecisão, a symetria, o imprevisto da vegetação (COSTA, 1930-1939, p. 2).

Junto a isso, também foi proposto, para diminuir os ruídos da via férrea, a criação de uma cortina verde, empregando bambus em sua produção, com o que se esperava contribuir, também, para além da diminuição dos ruídos, com a eliminação da poeira e fumaça deixadas pela locomotiva. Costa, optando pela preservação da vegetação local, criou um plano que não só se limitava às ruas e praças, mas incluía também os jardins das casas, contribuindo assim com a harmonia do conjunto. Foi feita também a sugestão da

criação de hortas e pomares, sob os cuidados de uma cooperativa que poderia ser criada entre os próprios operários.

Lúcio Costa projetou todas as construções que foram solicitadas pelo edital, como habitações individuais, armazém, clube, cinema, escola e igreja. Em todas foi preconizado o mesmo sistema construtivo, baseando-se no concreto armado. Costa também propôs que: "não deveria levar qualquer revestimento, mas simples caiação ou pintura adequada" (COSTA, 1930-1939, p. 2).

> Seria adoptado o seguinte criterio: cinema e igreja — lage de concreto com espessura mínima e trabalhando à face inferior das vigas; armazem e club — caiação directa sob as chapas de "eternite", escola e casas — "taquara" convenientemente esticada sob barroteamento de 1" x 3" afastado cerca de 0m,50 de eixo a eixo, tendo para o remate com a parede e à guisa de mata-junta uma simples ripa de 0m,01 x 0m,04 (COSTA, LÚCIO, 1930-1939, p. 2).

Ele também se referiu à cobertura das edificações, que seriam adotadas pelo projeto, sendo que todas as edificações seguiriam o mesmo modo:

> Uniforme de Eternite não somente devido á leveza, durabilidade e apreciaveis qualidades isothermicas desse material, como por ser elle de procedencia belga e de acquisição possivelmente vantajosa para a Companhia (isenção de direitos, e outras). Constando de uma agua apenas a cobertura das casas e de duas as dos demais edifícios, as calhas e condutores foram reduzidos ao minimo (COSTA, LÚCIO, 1930-1939, p. 2).

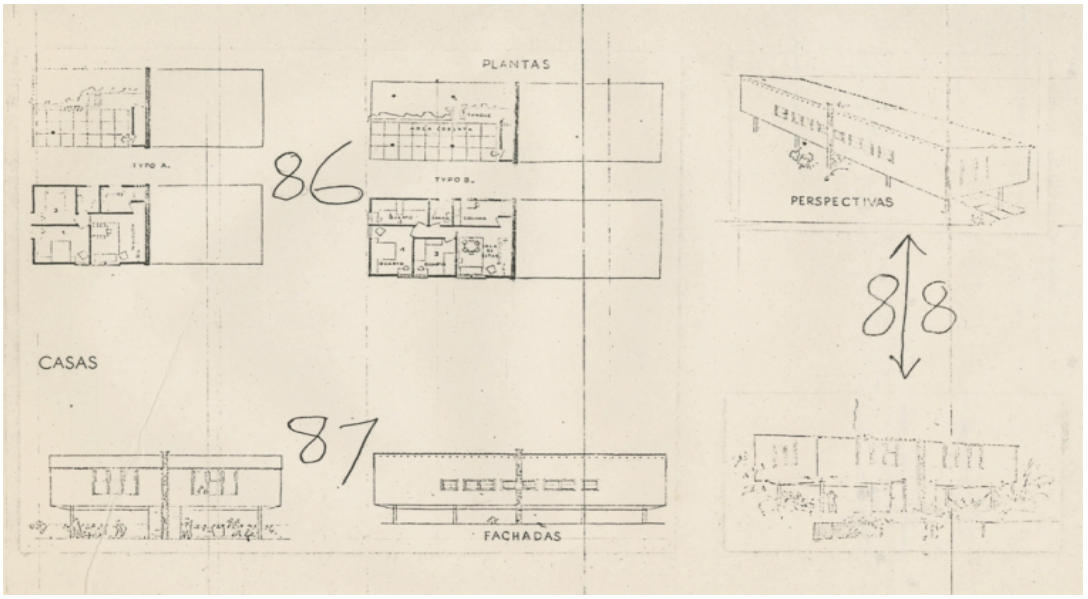
A implantação geral dispunha ainda de um centro de convívio, contando com os equipamentos públicos a que uma praça teria direito, os quais seriam construídos em meio a uma arborização frondosa. A igreja por sua vez se destacava em posição central, abençoando o local como o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, com acesso por meio de uma rampa elíptica, aliada com o cinema, armazém e o clube. A praça contava também com um espelho d'água circular.

Seguindo a proposta, o coreto, habitual em qualquer praça, foi curiosamente deslocado próximo ao clube. O clube, previsto em dois pavimentos, tinha um desnível que se abriria para o campo desportivo. Já a escola foi afastada, ficando disposta do outro lado deste campo, provavelmente prevendo uma calmaria para os estudantes. Ainda mais distante do centro de convívio, prevalecendo perante a topografia das encostas acidentadas, seriam construídas as residências dos operários. Essas também ficariam em meio a uma densa arborização.

No memorial, Costa se preocupou em fornecer um bom detalhamento tanto das moradias, quanto dos edifícios, descrevendo com riquíssima precisão de detalhes. Ele chegou a adicionar um extra no memorial, incluindo um tipo de mobiliário econômico e de fácil fabricação, considerado por ele mais adequado para complementar as casas projetadas.

Passamos, agora, a destacar individualmente cada edificação, começando com especificações das casas que abrigariam os operários e o corpo técnico. Costa defendeu que elas fossem compridas em partido único, se tornando moradias individuais geminadas e, como já referido antes, construídas sobre pilotis. Na proposta, as habitações deveriam ser agrupadas por ordem econômica e plástica.

Figura 3: Planta Baixa, Perspectivas e Fachadas das casas



Fonte: Instituto Antonio Carlos jobim, 2020.

As casas tiveram nas distribuições das esquadrias, a colocação de elementos uniformes. As janelas seriam moduladas em 1 m x 1 m, com o seu peitoril a 0,95m, teriam caixilho e veneziana trabalhando externamente em forma de guilhotina, prevendo a saída de ar junto ao forro em todos os cômodos. As portas foram definidas em cedro, com folhas de 0,75 m x 1,95 m, sem pintura, apenas enceradas.

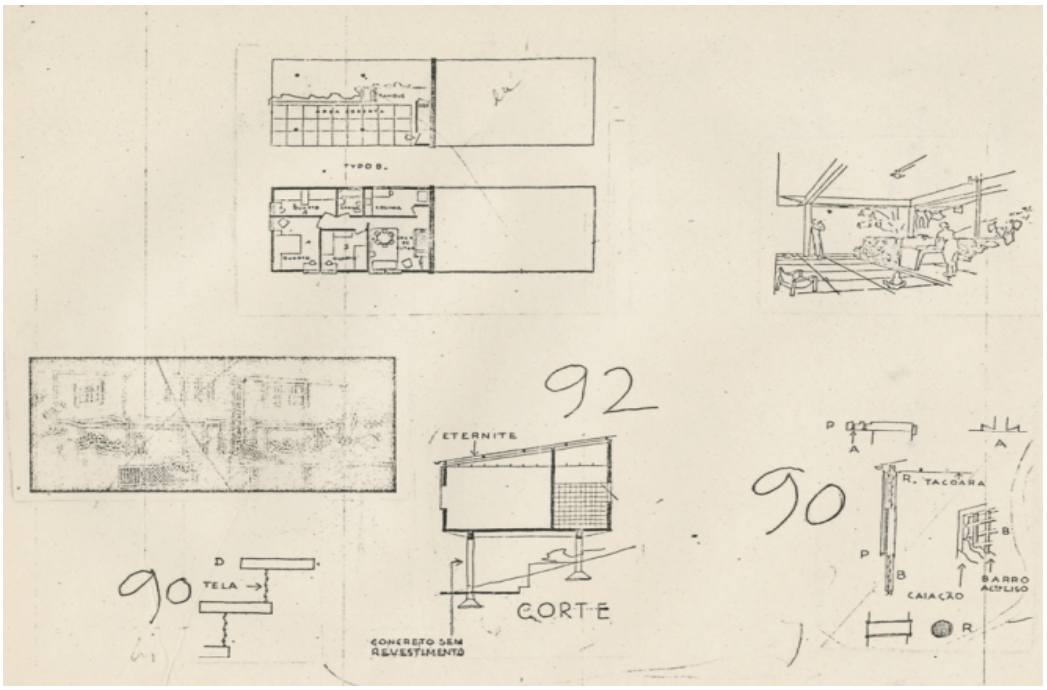
> Os modelos apresentados junto ao programma a título de esclarecimento, suggeriram, para as casas, a adopção do seguinte systema, aliás, muito em vogo: quartos em communicação directa para a sala commum, afim de evitar “espaço perdido”. Ora, tal solução, apparentemente razoavel, resulta na pratica, por

> vezes, inconvenientíssima — no presente caso, por exemplo. Para nos certificarmos disto, bastará attentar no seguinte: 1º- a sala para a qual se abrem directamente tantas portas é de pequenas dimensões; 2º- é a unica da casa; deverá servir, portanto, de sala de estar e jantar a um tempo; dahi se deduz que, além da imopssibilidade de uma arrumação conveniente das peças, toda e qualquer intenção de socego — já não diremos aconchego — se acharia de ante-mão compromettida pelo váe-vem da circulação obrigatória, abertura de portas, ruídos, etc. O emprego, dentro do limite estrictamente necessário de um espaço interno para o "dégogement" dos quartos e banheiro, é, nestes casos, não apenas legitimo, mas indispensável ao conforto dos moradores — mesmo "operarios" — porquanto, longe de ser "perdido", será, de todos, o mais "servido", com a vantagem de restituir, além do mais, á sala comum — que, de outra fôrma, se teria transformado ella toda em corredor — a sua principal finalidade, ou seja: um lugar onde se possa estar, ao menos, tranquillamente. (COSTA, 1930-1939, p. 1)

As casas teriam a cobertura em uma água, o que foi pensado em concordância com a declividade das encostas. Foram propostos três tipos de moradias, seriam elas "A", "B" e "C", variando com relação ao número de quartos. Lúcio Costa também sugeriu, em seu memorial, um plano para incentivar os moradores à conservação da Vila Operária:

> E, afim de estimular o interesse pela conservação — não pelo "enfeite" — das casas, seria curioso applicar-se a Monlevade o exemplo da S. K. F. na Suecia: todos os annos em dias não estabelecidos previamente, uma commissão examina as casas, conferindo como prêmio, ás melhor conservadas, dispensa do aluguel por prazo que varia de um a doze mezes." (COSTA, 1930-1939, p. 2).

Figura 4: Planta baixa, cortes, Cobertura e Interiores das Casas

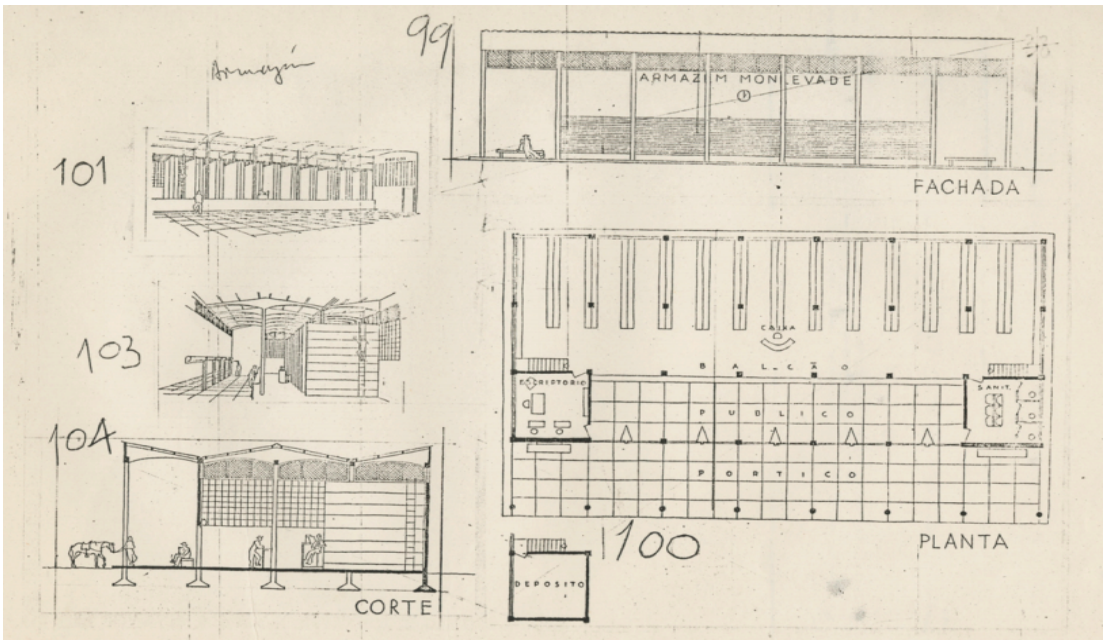


Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim, 2020.

Segundo Lima (2003), a linguagem moderna ressoava na composição arquitetônica das habitações, pelo emprego de linhas retas, pelo estilo despojado de elementos decorativos e beirais reduzidos ao mínimo. No térreo, uma área coberta ajardinada, com tanque de serviço, permitia o acesso às residências. O primeiro pavimento era composto por cozinha, sala, banheiro e quartos. Estes últimos, definindo uma área íntima bem demarcada, inclusive com divisão por biombo sanfonado, isolando a circulação do tipo corredor. Na casa tipo "A" a ligação desta área íntima ficou restrita, permitindo acesso direto ao banheiro e aos quartos, sem a necessidade de corredor.

O Armazém teria bancos reproduzindo um clima agradável e aconchegante, no seu interior havia um balcão estendido, de um lado, haveria compartimentos para escritório e, no outro lado, sanitários. Logo atrás do balcão, foram colocadas prateleiras, se estendendo por todo o pé direito do armazém. O armazém também contava com um depósito. Na cobertura, Costa optou por um telhado em quatro águas, com calhas na longitudinal.

Figura 5: Fachada, Planta e Cortes do Armazém



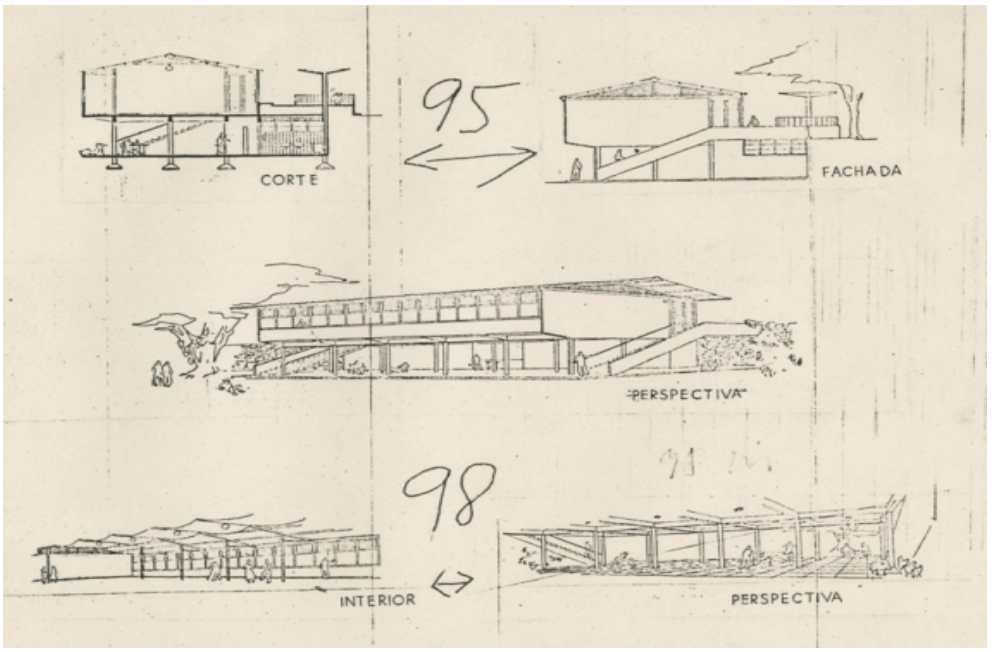
Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim, 2020.

O clube teve seu projeto em dois pavimentos. E, na parte superior, um espaço que podia ser usado como salão de festas. O salão teria extensas aberturas para a praça e também para o campo de esportes, demonstrando ser um espaço arejado e transparente, propício à entrada de luz: "Clube — venezianas fixas na parte superior dos vãos e caixilhos na parte inferior (guilhotina)." (COSTA, 1930-1939, p. 2)

Já no pavimento inferior do Clube, um outro salão era destinado às atividades de jogos e alimentação, contendo cozinha e balcões, além de vestiários e sanitários. Como referido antes, o Coreto foi deslocado da praça central e foi anexado na parte superior do clube. A cobertura foi composta em duas águas:

> Coreto acha-se localizado de monteira a poder servir simultaneamente ao clube e à praça; o salão de festas seria todo caiado de branco, com os alisares pintados de azul, conservando-se os venezianas e caixilhos na côr natural do cedro, com acabamento apenas de óleo fervido. A ornamentação para festas seria feita com flores de papel, formando grandes festões pendurados ao teto, bandeirolas etc., procurando-se assim conservar aquêle charme um tanto desajeitado, peculiar às festanças da roça" (COSTA, LÚCIO, 1930-1939, p. 2).

Figura 6: Corte, Fachada, Perspectivas e Interior do Club

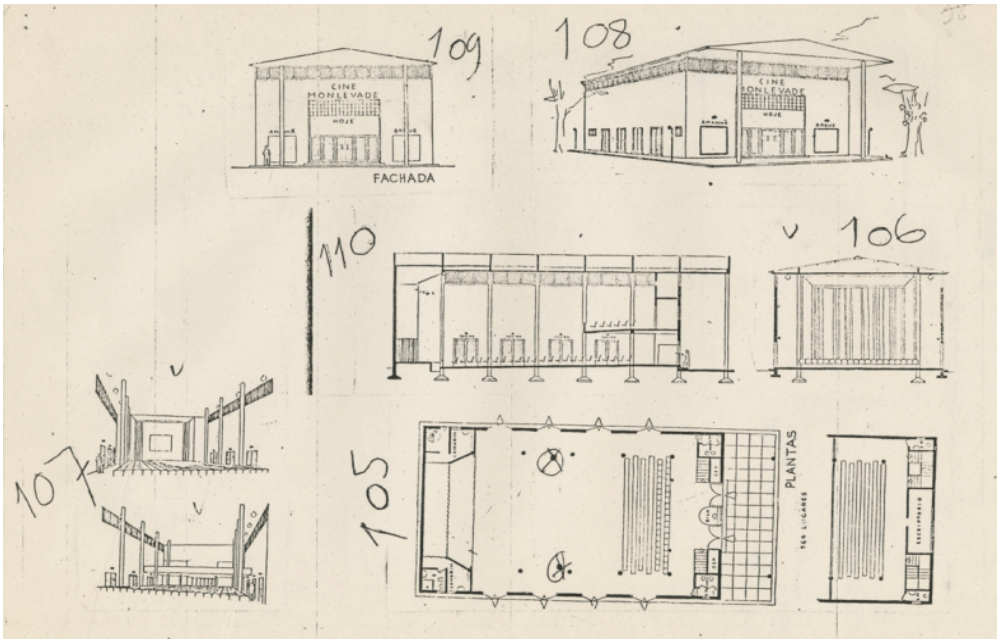


Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim, 2020.

O cinema, arquitetado para abrigar 566 pessoas em bloco único, foi pensado para abrigar também outras atividades, como apresentações teatrais e afins. Estruturalmente, optou-se por pórtico em forma de marquise-foyer, conduzindo às entradas e seguindo até a bilheteria. Já na parte de dentro, na galeria, marcada por colunatas, induzindo a marcação dos espaços da plateia, havia também saídas nas laterais no sentido longitudinal.

A galeria contava ainda com um balcão, ampliando o número de espectadores, com camarins, um escritório e a cabine de projeção, além das instalações sanitárias. O projeto da cobertura ficou definido em duas águas. “Para os forros seria acoplado o seguinte critério: cinema e igreja – laje de concreto com espessura mínima e trabalhada à face inferior das vigas.” (COSTA, 1930-1939, p. 2)

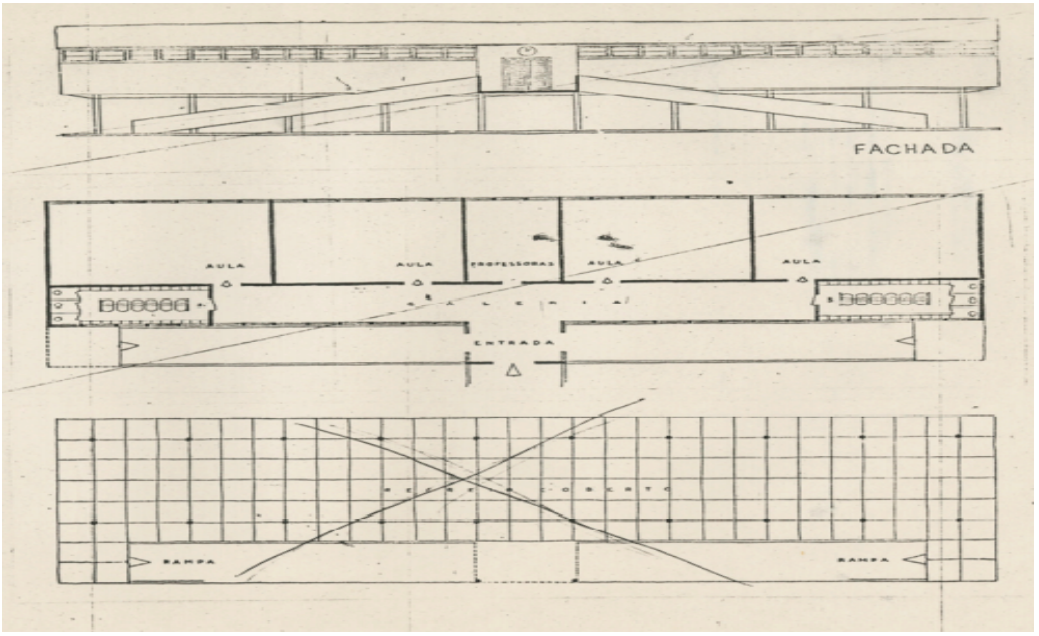
Figura 7: Fachada, Perspectiva, Cortes e Planta Baixa do Edifício do Cinema



Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim, 2020.

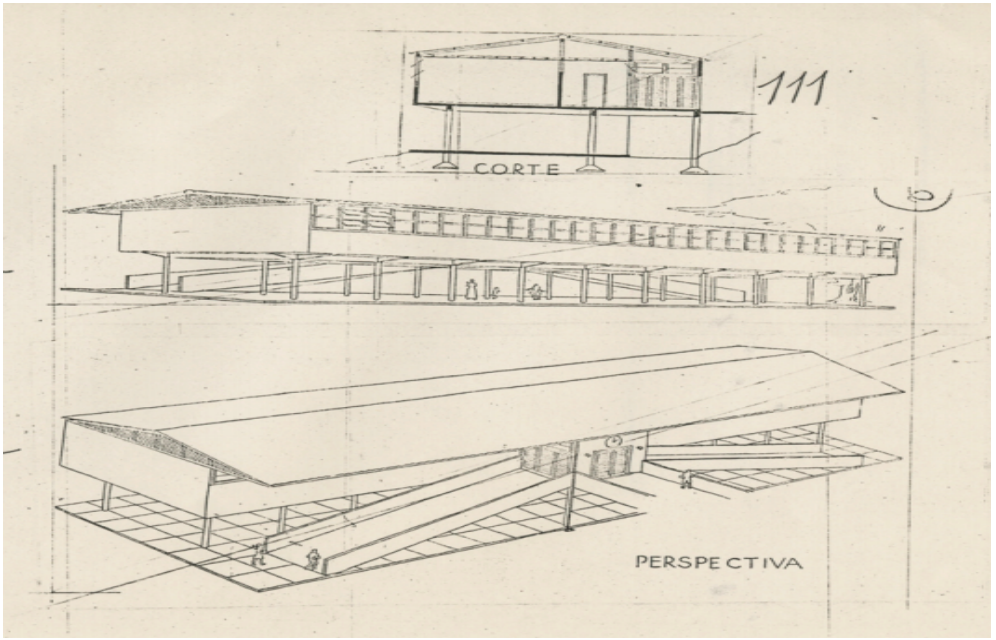
A escola, assim como o clube, foi outro edifício pensado em dois pavimentos, na parte inferior com o uso dos pilotis, foi projetado um salão aberto, se tornando assim uma boa área para recreação, já a parte superior teria seu acesso por uma rampa direcionada à parte central do bloco. Foram distribuídas nesse pavimento as salas de aula, a sala de professores e as instalações sanitárias. A cobertura foi projetada em duas águas.

Figura 8: Fachada, Planta Baixa e Cobertura do Edifício da Escola



Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim, 2020.

Figura 9: Corte, e Perspectiva do Edifício da Escola



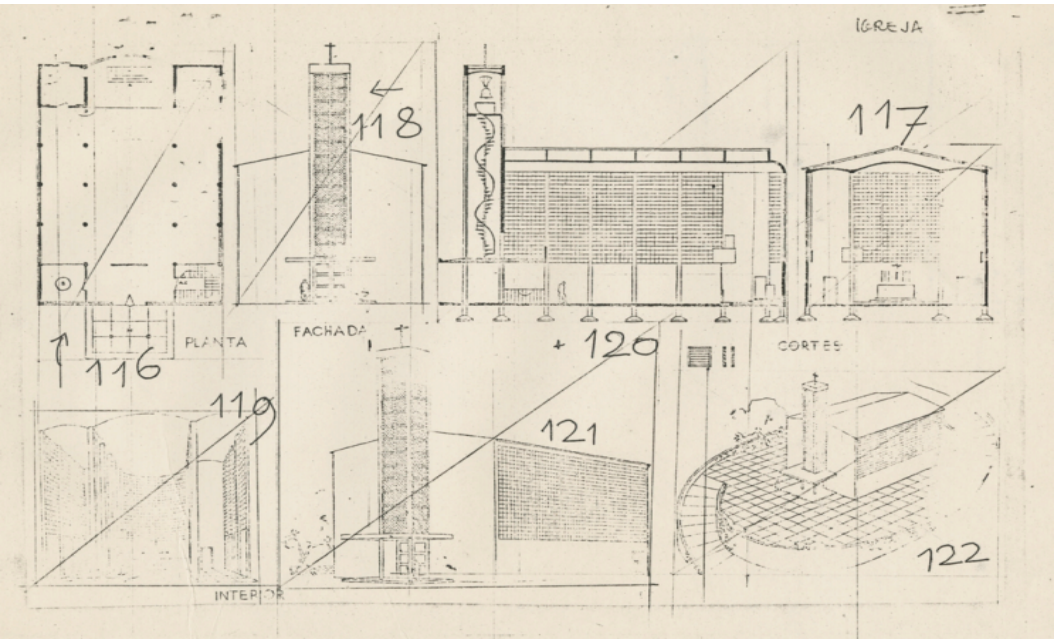
Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim, 2020.

A igreja, por fim, projetada no alto de uma montanha, foi construída em um platô elíptico, acessada por uma rampa. O projeto arquitetônico foi pretendido dessa forma: uma torre abrigando o sino, bem destaca na parte frontal, logo acima da entrada ao bloco onde foram instaladas a galeria para os frequentadores. A galeria contava com um batistério

local específico para a realização do batismo. A cobertura, também projetada em duas águas, era vazada lateralmente e nos fundos.

> Na igreja taes vidros poderiam ser de côr azul para fazer constate com as paredes caiadas de branco, contribuindo, além disso, para crear uma certa atmosphera de recolhimento — aconselhavel, ao que parece, nesse genero de edifícios. Excluídas as venezianas, todos os demais caixilhos destinados á ventilação, seriam tratados à maneira das janellas de "rotula" tão commum nas antigas casas da região. (COSTA, 1930-1939, p. 2)

Figura 10: Planta Baixa, Fachada, Corte e Perspectivas do Edifício da Igreja



Fonte: Instituto Antônio Carlos Jobim, 2020.

7. CONCLUSÃO

Embora o anteprojeto de Lúcio Costa não tenha conquistado a primeira colocação no concurso e nem sequer tenha sido posto em prática, as ideias e proposições nele

apresentadas guardam uma relevância histórica e cultural incontestável. Costa pode ter deixado escapar alguns requisitos do edital, mas foi neste projeto que esboçou algumas de suas primeiras propostas modernistas.

Em todo o projeto, ressaltou e abordou propostas paisagísticas e que atualmente poderíamos considerar de pouco impacto ambiental. Como afirma Sophia Telles:

> No memorial do projeto para Monlevade, Lúcio acentua o desejo de obter um contraste da ordem construída com a vegetação imprevista, conservando, porém, a feição despretensiosa dos arruamentos e calçadas (...) pois o tratamento rústico dado ao paisagismo tem por função dissolver o caráter marcadamente urbano de seus espaços. (SOPHIA TELLES, apud WISNIK, 2001, pág. 28).

Proposições como a de manter a vegetação local, utilização de barro armado, o emprego da taipa e a sugestão de caiar as paredes, evitando assim tintas industriais, explicitam, dessa forma, seu empenho em buscar formas construtivas criativas e originais, cuja atualidade perdura até os dias de hoje.

Costa também se preocupou com o bem-estar dos trabalhadores. O anteprojeto posicionava estrategicamente as habitações, buscando um afastamento entre elas, a fim de evitar ruídos. A linha de ferro seria circundada por uma cerca ecológica de plantação de bambus, com a finalidade de evitar poeira e também ruídos. O memorial contava ainda com a proposta de criação de uma horta comunitária gerenciada e cultivada pelos próprios moradores.

Neste memorial de anteprojeto encontramos registrado características estilísticas do trabalho de Lúcio Costa, demonstrando que, nesse período, ele já se inspirava nos trabalhos do arquiteto modernista Le Corbusier, influência que ele mesmo elabora em seu texto “Razões da nova arquitetura” publicado em 1930, quatro anos antes do anteprojeto da Vila Operária:

> De todas as artes é, todavia, a arquitetura — em razão do sentido eminentemente utilitário e social que ela tem — a única que, mesmo naqueles períodos de afrouxamento, não se pode permitir — senão de forma muito particular — impulsos individualísticos. Personalidade, em tal matéria, se não é propriamente um defeito, deixa, em todo caso, de ser recomendação. Preenchidas as exigências de ordem social, técnica e plástica a que, necessariamente, se tem de cingir, as oportunidades de evasão se apresentam bastante restritas; e se, em determinadas épocas, certos arquitetos de gênio revelam-se aos contemporâneos desconcertantemente originais (Brunellesco no começo do século XV, atualmente, Le Corbusier), isto apenas significa que neles

> se concentram em um dado instante preciso — cristalizando-se de maneira clara e definitiva em suas obras — as possibilidades, até então sem rumo, de uma nova arquitetura. (COSTA, 1930, p. 7)

Evidencia-se, assim, sua busca por uma nova arquitetura e sua admiração pelo arquiteto estrangeiro, com o qual, anos mais tarde, iria desenvolver com sua consultoria o projeto de um dos edifícios modernistas mais importantes do país, o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP).

No final do concurso, o engenheiro Lincoln de Campos Continentino, juntamente com sua equipe técnica, ficou com o primeiro lugar. A implementação urbanística do projeto ficou a cargo do engenheiro belga Louis Jacques Ensch, que aproveitou parcialmente as proposições técnicas da equipe e, no geral, a organização da proposta do engenheiro Continentino, como se evidencia pelas estruturas urbanas da Vila Operária que permanecem nos dias atuais.

A Vila Operária ainda se mantém através dos edifícios como a escola, cinema e o armazém, que são geridos pelo programa de preservação histórica da ArcelorMittal, que substituiu a Belgo-Mineira, e as casas dos operários e do corpo de técnicos da empresa continuam habitadas por moradores. Algumas foram modificadas, mas a grande maioria ainda não. O hospital, ampliado ao logo dos anos, ainda mantém parte das suas características originais como foi verificado pelos os autores em visita de campo.

Entendemos que a Vila Operária proposta por Lúcio Costa, assim como o projeto que foi efetivamente executado, tem seu valor e relevância histórico-cultural, como demonstra as autoras do trabalho "Valor e preservação do patrimônio cultural da industrialização: Vila Operária de João Monlevade/MG", devendo, pois, ser objeto de novos e mais aprofundados estudos bem como de ações de preservação e valorização patrimonial. Como afirmam os autores do texto "Vilas Operárias do Quadrilátero Ferrífero: registros em desaparecimento" houveram algumas iniciativas no sentido de promover a preservação, levando algumas casas a serem inventariadas pelo ICMS cultural, mas "nenhuma possui tombamento individual ou qualquer incentivo a sua preservação" (FREITAS, ANIELLE *et al*, 2018, p.10).

Embora a ArcelorMittal tenha cercado os edifícios e os mantenha fechados para evitar vandalismo ou algo afim, o livre acesso da população não está disponível no

momento, podendo ser visitado apenas com pré-agendamento e com a apresentação formal de justificativas, como estudos acadêmico-científicos, matérias jornalísticas e afins.

Muitos moradores da cidade pouco ouviram falar nos edifícios, devido ao pouco valor histórico que lhes é atribuído pela população e pelas autoridades da cidade e do estado, mas entendemos que pesquisas como esta, poderão fomentar e aguçar a curiosidade da população e, quem sabe assim, poderemos pavimentar o caminho para a preservação deste patrimônio.

REFERÊNCIAS

FREITAS, ANIELLE *et al. Vilas operárias do quadrilátero ferrífero: registros em desaparecimento.* **1º Simpósio Cientifico ICOMOS Brasil**, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/eventosicomos/59570-vilas-operarias-do-quadrilatero-ferrifero--registros-em--desaparecimento/. Acesso em: 21 dez. 2021.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAMPOS, Haroldo. *Uma poética da radicalidade*. I*n:* ANDRADE, OSWALD DE. Pau-Brasil. São Paulo, Globo: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

COSTA, Lúcio. *Monlevade: cópias projeto, 1930-1939*. Instituto Antonio Carlos Jobim. Disponível em: http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/2972. Acesso em: 09 jun. 2020.

CORREIA, T. D. B. *O modernismo e o núcleo fabril: o anteprojeto de Lúcio Costa para Monlevade*. Pós. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, Juiz de Fora, p. n. 14, p. 80-93, dez. 2003.

COSTA, Lúcio Costa. *Razões da nova arquitetura*. Publicado na **Revista da Diretoria de Engenharia da prefeitura do Distrito Federal**, nº 1, vol. III, janeiro de 1936.

DE SOUZA PAIVA, Carlos Magno; GONÇALVES, Aídio Júnior Mariano. *Valor e preservnvação do patrimônio cultural da industrialização: Vila Operária de João Monlevade/MG*. **Anais do Congresso Mineiro de Direito do Patrimônio Cultural**. (pág. 233 a 240), 2018. Disponível em: https://www.geoline.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Anais.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.

FILHO, E. M. *Entre linhas e curvas: a teoria e a prática na obra de Zenon Lotufo*. São Paulo, 1979. 133. FRAZÃO, D. Biografia de Lúcio Costa. e biografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lucio_costa/#:~:text=Biografia%20de%20L%C3%BAcio%20Costa,que%20o%20consagrou%20como%20urbanista.&text=Ainda%20em%201929%20c

onhece%20a,russo%2Dbrasileiro%2C%20Gregori%20Warchavchik. Acesso em: 15 jun. 2020.

HOLANDA, T. D. *Diamantina foi influência para que o arquiteto e urbanista projetasse Brasília*. ESTADO de MINAS Gerais, postado em 05/04/2014 06:00 / atualizado em 05/04/2014 06:59. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/04/05/interna_gerais,515766/diamantina-foi-influencia-para-que-o-arquiteto-e-urbanista-projetasse-brasilia.shtml#:~:text=A%20cidade%20da%20Regi%C3%A3o%20Central,Costa%20(1902%2D1998).&text=No%20livro%20Registr. Acesso em: 20 jun. 2020.

INSTITUTO ANTONIO CARLOS JOBIM. *Monlevade: ante-projeto para vila operária*. Disponível em: https://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/834. Acesso em: 09 dez. 2021.

LIMA, F. J. M. D. *Cidade Operária de Monlevade: Novos Conceitos de Morar*. **3° Seminário Docomomo Brasil**, sessão A, São Paulo, 11 de dez 1999. Disponível em: https://docomomo.org.br/course/3-seminario-docomomo-brasil-sao-paulo/. Acesso em: 05 jun. 2020.

LIMA, F. J. M. D. *Por uma Cidade Moderna: Ideários de Urbanismo em jogo no Concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes* (1931-1943). São Paulo. nov. 2003.

LIRA, J. T. C. D. *Localismo Crítico e Cosmopolitismo Arquitetônico*. **Docomomo Brasil**. São Paulo, 8-11 de dez. 1999. Disponivel em: https://docomomo.org.br/course/3-seminario-docomomo-brasil-sao-paulo/. Acesso em: 18 jun. 2020.

LÚCIO Costa. *Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil*. Disponivel em: https://arquiteturaurbanismotodos.org.br/lucio-costa/. Acesso em: 19 jun. 2020.

MINISTÉRIO da Educação e Saúde - MES. *In:* ENCICLOPÉDIA **Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3762/ministerio-da-educacao-e-saude-mes. Acesso em: 10 de jun. 2020.

PONTUAL, H. D. *Lucio Costa foi pioneiro da arquitetura modernista no país*. SENADO FEDERAL. Disponível em: http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasilia50anos/not14.asp. Acesso em: 18 jun. 2020.

SANTOS, Maria. *Arquitetura moderna brasileira, dos pioneiros a Brasília* (1925-1960), disponível em: https://www.up.edu.br/davinci/3/304_arquitetura_moderna_brasileira.pdf. Acesso em: 10. jun. 2020

SILVA. F. R. A. *Paisagem do Quadrilátero Ferrífero, MG: Potencial para o uso turístico para sua geologia e geomorfologia*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFMG, 2007, 43p. Disponível em: https://www.ufmg.br/biblioteca/. Acesso em 03 jun. 2020.

WISNIK, G. *Lúcio Costa*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.